



PONTOS DE ENCONTROS ENTRE O JORNALISMO LITERÁRIO E AMBIENTAL

Ana Carolina Poleze Messias¹

Ruth Reis²

RESUMO: O jornalismo ambiental e o jornalismo literário sempre procuraram demarcar características específicas que os distinguem dos cânones do jornalismo, sobretudo no que diz respeito às técnicas de apuração e narração, e a uma ética profissional que os distancia dos enquadramentos hegemônicos, desafiando os conceitos de objetividade e imparcialidade. No presente artigo, exploramos as proximidades entre esses dois segmentos do jornalismo, buscando compreender suas interseções e novos potenciais que agregam ao serem acionados em conjunto. Utilizando como metodologia a revisão bibliográfica, identificamos pontos de contato entre ambos, e concluímos que o jornalismo literário e o ambiental podem ser convergentes e potencializam a sensibilização do público para as causas ambientais, além de incrementar o ativismo ambiental por meio do jornalismo.

PALAVRAS-CHAVE: *Jornalismo Ambiental. Jornalismo literário. Ativismo*

ABSTRACT: Environmental journalism and literary journalism have always sought to establish specific characteristics that distinguish them from the canons of traditional journalism, especially regarding their reporting and narrative techniques, as well as a professional ethic that distances them from hegemonic frameworks and challenges the concepts of objectivity, subjectivity, and impartiality. In this article, we explore the commonalities between these two segments of journalism, aiming to understand their intersections and the new potential they add when used in conjunction. Using a bibliographical review as our methodology, we identify points of contact between the two and conclude that literary and environmental journalism can be convergent. They can enhance public awareness of environmental issues and increase environmental activism through journalism.

KEYWORDS: *Environmental journalism. Literary journalism. Activism.*

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES); integrante no Grupo de Pesquisa em Comunicação, Cultura e Discurso (Grudi/UFES). E-mail: ana.messias@edu.ufes.br.

² Orientadora, professora titular da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES); coordenadora Grupo de Pesquisa em Comunicação, Cultura e Discurso (Grudi/UFES). E-mail: ruth.reis@ufes.br

INTRODUÇÃO

As proximidades entre jornalismo ambiental e jornalismo literário têm sido cogitadas por autores como Belmonte (2019) e Schwaab (2018), e experimentadas em situações singulares como na plataforma Sumaúma, criada pelos jornalistas Eliane Brum, Jonathan Watts, Verônica Goyzueta, Talita Bedinelli e Carla Jiménez. Com sede em Altamira, no Médio Xingu (PA), norte do Brasil, Sumaúma traz reportagens que mostram as condições de vida e os conflitos relacionados à biodiversidade do território, numa proposta de defesa dos “direitos da floresta” (Brum *et al*, 2022), assimilando características do jornalismo ambiental e do jornalismo literário. Também podemos encontrar essa convergência em reportagens do Brio, veículo de comunicação jornalística independente, que tem se dedicado a um jornalismo literário para narrar histórias sobre temas variados, entre os quais as relacionadas ao meio ambiente.

Schwaab (2018, p.71) afirma que “o espaço da reportagem ampliada ou em profundidade e o pensamento socioambiental têm, em termos de estrutura de pensamento, um parentesco”. Os recursos narrativos e de observação participante buscam a sensibilização para os assuntos que o jornalismo ambiental aborda, fazendo com que o narrador consiga observar e colocar em perspectiva os temas acerca do ambiente (Schwaab, 2018). Para Belmonte (2019, s.n.), “os recursos do jornalismo literário – imersão do repórter, humanização das personagens, reconstrução de cenas, reprodução de diálogos – ajudam a dar sentido aos dramas e conflitos que envolvem a relação sociedade e natureza.

O presente estudo se dedica a explorar essas convergências e complementaridades, visando contribuir para o debate sobre a natureza do jornalismo ambiental, que vem sendo problematizada por grupos de pesquisa e estudiosos do tema no Brasil. Consideramos que este é um empreendimento teórico-conceitual importante, tendo em vista que a crise climática ganha cada vez mais centralidade na agenda política, econômica, social e midiática de todos os países do mundo, e que o jornalismo constitui uma mediação relevante para a demarcação e configuração dos temas que nela se fazem presentes. Dessa forma, busca-se responder à seguinte questão-problema:

como as características do jornalismo ambiental e do literário convergem e que potencialidades acionam?

Adotamos como metodologia a revisão bibliográfica narrativa, método que permite uma ampla descrição sobre o assunto, sem esgotar todas as fontes de informação, sendo importante para a atualização dos estudos sobre o tema (Cavalcante, 2020). As obras analisadas foram encontradas no Portal de Periódicos da Capes a partir de busca por palavra-chave utilizando os termos “jornalismo”, “literário”, “ambiental” e no banco de dados do Grupo de Pesquisa em Jornalismo Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

JORNALISMO AMBIENTAL

Girardi, Loose e Steigleder (2021) e Belmonte (2017) definem o jornalismo ambiental como engajado e ativista, assumidamente defensor do meio ambiente e, por isso, com vocação para se contrapor a medidas governamentais e econômicas que tragam impactos negativos para o meio ambiente e a qualidade de vida das populações. As autoras endossam a conceituação de Bacchetta, que tem o jornalismo ambiental como aquele “que procura desenvolver a capacidade das pessoas para participar e decidir sobre sua forma de vida na Terra, para assumir em definitivo sua cidadania planetária” (Bacchetta, 2000, p. 18, apud Girardi, Loose e Steigleder, 2021).

36

Essa configuração do jornalismo ambiental começou a ser construída desde que os jornalistas brasileiros precisaram voltar os olhos para o meio ambiente de forma exclusiva, quando da realização da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, na cidade do Rio de Janeiro, em 1992 – a Rio 92. Até essa data, o jornalismo ambiental estava contido no interior das fronteiras do jornalismo científico, que abarcava o conjunto de questões originadas na esfera da pesquisa científica. Nessa mesma época, começaram as discussões sobre um jornalismo ambiental com foco em denúncias e soluções, ligado ao ativismo. Essa perspectiva tem se consolidado fazendo com que hoje prevaleça o entendimento de que o jornalismo ambiental é exigente de um profissionalismo engajado (Belmonte, 2017).

Ao analisar as categorias que demarcam a epistemologia do Jornalismo Ambiental, Girardi, Loose e Steigleder (2021) listam sete pressupostos que têm sido recorrentes em pesquisas publicadas em português e em espanhol: ênfase na contextualização; pluralidade de vozes; assimilação do saber Ambiental; cobertura próxima à realidade do leitor; comprometimento com a qualificação da informação; responsabilidade com a mudança de pensamento e incorporação do princípio de precaução.

O jornalismo convencional hegemônico por sua inserção política aderente a interesses do capitalismo predatório associado à sua opção, por uma forma de expressão que simula a imparcialidade comprometida com a objetividade, tende a deixar a desejar promove uma cobertura ambiental que responde a esses vínculos, “limitando-se à produção de releases e à exotização da fauna e da flora” (Camana, 2018, p.126). O comprometimento com o jornalismo ambiental crítico inclui a constituição de novos vínculos sociais e econômicos e implica esforços diferenciados de produção de reportagens, com mais trabalho de investigação e cobertura de disputas ambientais, e não somente tratar de pautas sobre a fauna e a flora (Camana, 2018).

37

Ativismo é uma palavra-chave para compreender como o jornalismo ambiental se desenvolve, desafiando as formas de manifestação dos conceitos clássicos do jornalismo, como objetividade e imparcialidade, e colocando em cena a subjetividade (Moraes, 2019). A autora propõe que “subjetividade não pode ser entendida como algo meramente interno, pessoal, do campo da vida privada – a subjetividade é também formada por um ambiente histórico dado, objetivo” (Moraes, 2019, p. 209).

Segundo ela, o jornalismo comercial e o ativista não se distinguem em seus processos técnicos e políticos de recortar os fatos e narrá-los. Ambos exigem uma série de mediações que moldam um posicionamento, condição inerente ao jornalismo como um todo. “‘Tomar partido’ é algo que está no DNA do jornalismo, e se isso foi um dia declarado (como nos jornais opinativos do século XIX), passou a ser encoberto justamente pelo manto da objetividade” (Moraes, 2019, p. 216).

Barsotti e Vieira (2023, n.p.) agregam outro elemento que permite compreender o incremento do ativismo no jornalismo: o atual contexto socioeconômico do campo da comunicação que tem levado jornalistas a construir novos arranjos de produção de notícias baseados no ativismo. Os autores concluem que essas formas emergentes de atuação vêm contribuindo para “questionar o *ethos* jornalístico, calcado na objetividade” (Barsotti e Vieira, 2023, n.p)

JORNALISMO LITERÁRIO

Existem diversas definições e denominações para o jornalismo literário: novo jornalismo, *longform journalism*, jornalismo narrativo, literatura da realidade, literatura criativa de Não Ficção e jornalismo gonzo (Martinez, 2017; Lima, 2010). Pena (2010) afirma que o jornalismo literário é a junção de dois gêneros diferentes: jornalismo e literatura. A divisão em gêneros, segundo o autor, acontece para fornecer um mapa de estratégias do discurso, definindo categorias, tipologias, funções e utilidades. Embora essas classificações possam evidenciar alguma característica específica desse estilo de jornalismo, nenhuma expressa a totalidade do que é o jornalismo literário, sendo sua definição ainda difusa, pois não há um consenso no Brasil ou no exterior (Martinez, 2017). Todas essas denominações, porém, “são planetas que gravitam em torno do mesmo sol: o sol da arte de se contar histórias humanas com sabor”, propõe Lima (2010, p.35). Sendo uma das principais referências nos estudos deste tema no Brasil, o autor afirma que “comunicar pode ser entendido como um processo de transportar conteúdos factuais – os fatos concretos de um acontecimento – e simbólicos – os elementos subjetivos, como os sentimentos e as intuições” (Lima, 2010, p.11).

Motta (2005, p. 02), por sua vez, defende que as pessoas vivem narrativamente, e que o jornalismo explora “o fático para causar efeito de real (objetividade), e o fictício para causar efeitos emocionais (subjetividades)”. No caso do jornalismo literário, o fictício é mais explorado para agregar qualidade lírica e poética à narrativa, mas sem se afastar dos elementos colhidos nas vivências concretas (Lima, 2010).

No jornalismo literário, as reportagens também transmitem a informação factual com base nos dados encontrados numa apuração criteriosa e sensível, associada a uma narração diferente da adotada pelo jornalismo convencional, dando espaço para que o jornalista seja um escritor e compartilhe com o leitor “o que vê, o que sente, o que consegue entender, o que experimenta” (Lima, 2010, p.31). Nas palavras do autor, “mais do que simplesmente contar os fatos, os repórteres-escritores estão buscando entender o quadro social onde os fatos se inserem”, o que vai proporcionar ao jornalismo literário colocar em diálogo áreas do conhecimento como a literatura e a sociologia (Lima, 2010, p.76).

É a partir dessa interdisciplinaridade que se pode chegar ao diferencial do jornalismo literário, propõe Martinez (2017) ao afirmar que essa modalidade estabelece relações com saberes como a sociologia e a psicologia, e utiliza técnicas imersivas para a construção das reportagens, a exemplo da observação participante como método de apuração. O jornalismo literário, segundo a autora, emprega os métodos utilizados nas ciências sociais, de captação e observação, e os une às técnicas narrativas, vindas da literatura, para criar a reportagem.

39

Pena (2010, p. 14) define o jornalismo literário “como linguagem musical de transformação expressiva e informacional”. Em seus estudos sobre o tema, Pena propõe que o jornalismo literário significa “potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos” (Pena, 2010, p. 6).

Com esse conjunto de conceitos e técnicas, é possível entender que os jornalistas literários querem mais do que narrar os fatos com beleza literária: eles buscam contextualizar as vivências recolhidas nas apurações, oferecer ao leitor a complexidade das situações relatadas e dos sujeitos envolvidos nas histórias, ao mesmo tempo em que entregam ao destinatário uma peça comunicacional que o aproxima do acontecimento em seus diversos ângulos.

OS PONTOS DE ENCONTRO

A partir das contribuições oferecidas pelos autores, é possível agora identificar sustentações similares que estruturam a busca por uma epistemologia tanto do jornalismo literário quanto do ambiental, as quais sintetizamos em cinco pontos, como mostra a Tabela 1.

Tabela 1: Caracterização do jornalismo ambiental-literário

Características	Descrição
Narrador situado	O jornalismo literário e o ambiental evocam níveis de engajamento do jornalista com os temas que está investigando, requerendo compromisso e coragem para transpor as ideias do jornalismo convencional.
Foco na cidadania e na diversidade	Ambas modalidades apontam a necessidade de potencializar os recursos do jornalismo em busca de histórias alternativas, cobertura mais atenta à diversidade social e abordagem de temas que geralmente não chegam à mídia convencional.
Contextualização	Ambos apontam a necessidade de apuração de qualidade, com o uso de técnicas de pesquisa como observação atenta, imersão no que está sendo investigado e sensibilidade para promover a escuta do outro.
Narração cuidadosa e aprofundada	Ambos indicam que os textos devem expressar com precisão a complexidade dos temas investigados. A adoção de recursos literários, que tragam qualidade lírica e efeitos de proximidade, produz melhores resultados em termos de compreensão das histórias.

Pluralidade de vozes	Também convergem as duas modalidades ao defender a necessidade de assegurar múltiplos pontos de vista das situações relatadas, dando voz às pessoas que estão vivenciando as situações de forma direta, com a mesma importância e autoridade que as fontes oficiais, quando estas forem necessárias.
----------------------	--

Narrador situado

O jornalismo ambiental deve contribuir para sensibilizar seu público para os impactos ambientais que têm sido promovidos pelo modelo de desenvolvimento econômico vigente em todo o planeta, conforme defendem Girardi, Loose e Steigleder (2021). Para esses autores, o jornalismo ambiental requer engajamento e espírito investigativo, tornando-se necessário para a defesa da vida num contexto em que há ameaça constante de danos ao meio ambiente. Esse engajamento começa desde o projeto editorial dos veículos de comunicação jornalística e segue até a construção da pauta, que, segundo Geraque (2018), precisa nascer transversalmente, relacionando discussões de especialistas e ambientalistas com atores sociais que estão vivendo o problema, além das questões sociopolíticas que darão contexto do assunto.

41

Os jornais independentes, principalmente, disseminados nas mídias digitais, deixam o engajamento ainda mais evidente, realizando uma prática ativista, recurso que também se apresenta como um caminho para resistir aos efeitos das transformações no ecossistema midiático. Essa reorientação converge para os movimentos de resistência relacionados às mudanças climáticas, encontrando aí uma possibilidade de associar o jornalismo às lutas ambientais que marcam a contemporaneidade (Loose e Belmonte, 2023).

O jornalismo literário, por sua vez, abarca preocupações que vão além de noticiar: quer contar histórias que ajudem a revolucionar a nossa maneira de entender a realidade. Lima (2010) indica que “mais importante do que reportar os riscos é mostrar

formas de enfrentá-los”. O mesmo propõem Girardi, Loose e Steigleder (2021, p.164,), para quem jornalismo ambiental precisa “apresentar soluções para que os cidadãos não fiquem paralisados perante o medo, mas engajem-se no movimento de mudança”

Para uma atividade efetiva do jornalismo na defesa do meio ambiente, Girardi, Loose e Steigleder (2021) apontam que, além de serem posicionadas, as reportagens devem contar com abordagens educativas, a fim de promover maior conscientização sobre os problemas ambientais. Girardi, Loose e Steigleder (2021, p.164) detectam que a educação deve começar pelos próprios jornalistas, pois estes carecem de uma formação específica para que suas reportagens assumam essa perspectiva. Dessa maneira, fica em evidência a função pedagógica do jornalismo, como propõe Vizeu (2014 e 2016), ao estudar as possibilidades de produção de conhecimento por parte do jornalismo, amparado em Paulo Freire. Na mesma direção segue Martinez, que, ao debater as origens e perspectivas do jornalismo literário, relembra a observação de Robert Park: “a função da notícia é orientar o homem e a sociedade num mundo real” (Park, 1972, p.183 apud, Martinez, 2017, p. 30).

Foco na cidadania e na diversidade

O jornalismo literário e o ambiental advogam a defesa da cidadania e da diversidade. Estas se expressam tanto nas escolhas de origem das publicações ao demarcar uma linha editorial e um escopo de questões sobre as quais vai tratar, como na forma com que essas escolhas se materializam no dia a dia da produção jornalística. Nas palavras de Pena (2007), o jornalista literário, ao escolher o tema, deve pensar em uma abordagem para contribuir para a formação do cidadão e para a solidariedade, o que denomina “espírito público” (Pena, 2007, p. 50). Dessa forma, o jornalismo literário possibilita aos indivíduos não só ficarem cientes dos acontecimentos, mas também se posicionarem e terem noções de pertencimento e atuação social.

Podemos relacionar a proposta de cidadania do jornalismo literário com o que o jornalismo ambiental busca a partir de uma mudança de paradigma, que é apresentar uma nova consciência a partir de um olhar ambiental para a prática jornalística (Girardi,

Loose e Steigleder, 2021). As autoras defendem que a visão ecológica deve nortear a transformação social e mudar a percepção sobre o papel dos humanos no planeta, em vez de somente pensar na questão ambiental dentro de um padrão de desenvolvimento predatório.

Essa perspectiva converge com o foco do jornalismo literário em contar histórias de pessoas reais de forma humanizada e sensível. Dar destaque para as pessoas é uma estratégia de atrair o leitor, fazendo com o que este se identifique com os personagens presentes nas narrativas jornalísticas, e até descubra algo novo sobre si ou a sociedade (Lima, 2010).

[...] o jornalista literário flagra o cotidiano, o ordinário que se esconde por trás do extraordinário. Surpreende o leitor com situações prosaicas, mostra a vida como ela é, em sua totalidade complexa, cheia de coisas grandes e pequenas, especiais ou comuns. Tudo visto sob um novo olhar, aquele que as pessoas perderam ou que muita gente não quer exercer. Pior: aquele que muita gente, por interesses escusos, quer esconder dos outros. (Lima, 2010, p.42).

A partir do destaque de Lima (2010), outra base comum do jornalismo literário e ambiental é a diversidade, ambas as modalidades apontam a necessidade de potencializar os recursos do jornalismo em busca de histórias alternativas. Schwaab (2021, p.72) defende que “o olhar e a escuta são centrais e ao repórter cabe buscar o que está embaixo dos panos da naturalização do cotidiano”, explicando que no jornalismo ambiental devem ser abordados os cenários de complexidade cultural, desigualdade e formatos de consumo. Além disso, Lima (2010) recomenda que o jornalista ancore a história em mais de um personagem, a fim de apresentar o todo e não casos isolados.

Essenfelder (2017), ao analisar a narrativa jornalística no ambiente digital como potencial fator de inovação no jornalismo, para além dos acréscimos tecnológicos que medeiam jornalismo e seu público, conclui que

[...] talvez a grande inovação social do jornalismo literário nativo digital do século 21 esteja não apenas na linguagem que tensiona os limites do pacto jornalista-audiência, mas também na presença prolongada e ostensiva do jornalista em campo, no campo da notícia, atento e disposto a contar a história de gente anônima. (Essenfelder, 2017, s.n.)

Narração cuidadosa e aprofundada

O ponto de encontro talvez mais evidente entre o jornalismo literário e o ambiental é a subjetividade e a fuga da imparcialidade. Para Pena (2007), no jornalismo literário, o jornalista precisa romper com as formas tradicionais de produção de narrativas, aplicando técnicas literárias que conferem aos textos mais criatividade e estilo, ao mesmo tempo que contribuem para maior engajamento dos leitores ao oferecer contexto ampliado, diversidade de vozes e a complexidade dos acontecimentos narrados. Martinez e Heidemann (2019) corroboram essa afirmação ao defenderem que as narrativas no jornalismo literário possibilitam o desenvolvimento de afeto e vínculo, fazendo com que o leitor se identifique com a história e os personagens.

Pena (2007) ensina que é preciso construir um enredo, levando em conta a realidade multifacetada, fugindo da abordagem efêmera e superficial. Diferente das reportagens do cotidiano no jornalismo convencional, que, frequentemente, caem no esquecimento no dia seguinte, o jornalismo literário busca a permanência, e também almeja influenciar o imaginário coletivo em diferentes momentos históricos.

Esse aspecto pode ser relacionado ao que propõem Girardi, Loose e Steigleder (2021) sobre o jornalismo ambiental: é preciso aproximar as questões ambientais do cotidiano dos leitores. Além da promoção de maior identificação, Loose e Moraes (2018) afirmam que as questões ambientais que envolvem uma linguagem especializada podem ser barreiras entre o jornalista e o leitor se não forem aprimoradas as técnicas para abordá-las. A complexidade do tema ambiental faz com que seja necessário que o jornalista adote estratégias narrativas para promover maior aproximação com o leitor.

44

Pluralidade de vozes

Pena (2007) afirma que o jornalista literário precisa fugir do ciclo vicioso de fontes oficiais e ouvir o cidadão comum e fontes anônimas, buscando pontos de vista que ainda não foram abordados. Um exemplo clássico dessa inversão na seleção de vozes presentes na produção jornalística é grande nome pioneiro do jornalismo literário no Brasil, Euclides da Cunha, com sua obra de referência mundial, Os Sertões. Esta só

foi possível porque ele decidiu dar voz aos personagens que eram ocultados nas versões oficiais da Revolta de Canudos, espalhados pelo sudeste brasileiro (Martinez, 2009).

Ao chegar ao sertão baiano, porém, descobre uma realidade bem diversa da divulgada no Sudeste do país. Os “perigosos” insurgentes eram na realidade humildes agricultores, excluídos social e economicamente que, em meio a latifúndios, desemprego e seca inclemente, acreditam numa salvação milagrosa proposta pelo messias da sua época, Antônio Vicente Mendes Maciel (1830-1897), mais conhecido por Antonio Conselheiro. (Martinez, 2009, p.76)

As reportagens devem apresentar pluralidade de fontes envolvidas com a questão apresentada, inclusive as que não detêm legitimidade científica, empresarial ou política (Girardi, Loose e Steigleder, 2021). No jornalismo ambiental, ao se deparar com um conflito, o jornalista deve se perguntar quem são os sujeitos atingidos, como o meio ambiente será afetado e quem terá algo relevante para falar sobre o assunto (Camana, 2018). A resposta, complementa a autora, está nas fontes que não necessariamente detêm o conhecimento especializado, mas que podem ampliar as perspectivas da narrativa ou pôr em xeque o que dizem as fontes oficiais. O jornalismo ambiental, da mesma forma que o literário, surge de uma polifonia – de múltiplas fontes (Camana, 2018).

45

Contextualização

Qualquer abordagem nunca passará de um recorte da realidade, por mais completa que seja, por isso, entende Pena (2007), no jornalismo literário, proporcionar visões amplas da realidade é contextualizar o assunto da forma mais abrangente possível, relacionando as informações com outros fatos, mostrando, também, outras abordagens possíveis. O jornalista literário tem a necessidade de ampliar o olhar sobre o mundo, buscando um recorte multidimensional, “unindo o mundo objetivo com o simbólico” (Lima, 2010, p.25).

No jornalismo literário, o jornalista precisa desenvolver com ética as técnicas do jornalismo convencional e construir novas estratégias de observação e apuração (Pena, 2007). Como diz Lima (2010), o jornalismo literário é uma modalidade de jornalismo

cujo papel é relatar a realidade social, mas fornecendo ao leitor uma compreensão ampla sobre o mundo.

Isso, por sua vez, está associado obrigatoriamente à capacidade de um texto de expressar uma experiência de mundo com vigor e lucidez, contribuindo para que o leitor amplie – simbólica e intelectualmente, pelo menos – sua compreensão e sua própria experiência sobre o mundo, sobre os semelhantes ou sobre si mesmo, ou sobre tudo isso combinado (Lima, p.34, 2010)

No jornalismo ambiental, as autoras Girardi, Loose e Steigleder (2021) também afirmam que o repórter precisa dar ênfase à contextualização ampla, profunda e crítica, fornecendo relações de causas e consequências. Geraque (2018) explica que a crise ambiental atualmente está muito mais evidente do que há mais de 30 anos, quando estava sendo discutida na Rio 92. Para contar bem uma história, Geraque (2018, p.39) entende que não basta somente dominar técnicas jornalísticas, mas sim criar conexões sociais, econômicas, políticas, científicas e culturais e “incorporar um olhar sistêmico ao cotidiano”. Atualmente, existem outras consequências dos riscos climáticos e da destruição dos ecossistemas, como o racismo ambiental e a realidade dos atingidos pelos desastres, situações que precisam receber uma abordagem social, cultural e política do jornalismo ambiental (Girardi, Loose e Steigleder, 2021).

46

CONCLUSÃO

O jornalismo literário e o ambiental compartilham características que permitem o desenvolvimento de potencialidades que podem ser eficazes para promover engajamento climático, como já apontaram os autores Belmonte (2019) e Schwaab (2018). Por meio de suas premissas e compromissos, de uma construção textual rica de recursos provindos da literatura, por seus processos de apuração mais qualificados, o jornalismo literário pode se configurar como um importante parceiro do jornalismo ambiental.

Alinhados a abordagens cidadãs e pluralistas, guiados pela busca por independência dos seus processos de produção, as duas modalidades de jornalismo

tendem a se colocar como contraponto às abordagens hegemônicas encampadas pela mídia tradicional. É necessário, no entanto, aperfeiçoar os estudos sobre o jornalismo literário e ambiental utilizados em conjunto para entender como podem configurar uma forma de engajamento climático, potencializado pelo uso da internet e dos portais independentes de jornalismo. No contexto de emergência climática e desinformação, torna-se ainda mais necessária a construção de um jornalismo posicionado ambientalmente e que se conecte com o leitor, de forma a construir o sentimento de pertencimento.

REFERÊNCIAS

BARSOTTI, Adriana; VIEIRA, Agostinho. Is activist Journalism possible? Tensions within the professional ethos of objectivity. *Brazilian journalism research*, [S. l.], v. 19, n. 3, p. e1597, 2023. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/1597>. Acesso em: 23 aug. 2025.

BELMONTE, Roberto Villar. Quando o jornalismo ambiental encontra o literário. *Jornalismo e Meio Ambiente*. 19 ago. 2019. Disponível em: <https://jornalismoemeioambiente.com/2019/08/19/quando-o-jornalismo-ambiental-encontra-o-literario>. Acesso em: 5 set. 2025.

BELMONTE, Roberto Villar. Uma breve história do jornalismo ambiental brasileiro. *Revista Brasileira de História da Mídia*, v. 6, n. 2, 2017.

BUENO, Wilson da Costa. Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, n. 15, p. 33-44, jan./jun. Paraná: Editora UFPR, 2007.

CAMANA, Ângela. Conflitos ambientais: uma pauta central para o jornalismo. Em: GIRARDI, Ilza Maria Tourinho et al. *Jornalismo Ambiental: teoria e prática*. Editora Metamorfose, 2018.

CAVALCANTE, Livia Teixeira Canuto; OLIVEIRA, Adélia Augusta Souto de. Métodos de revisão bibliográfica nos estudos científicos. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 82–100, jan./abr. 2020. DOI: 10.5752/P.1678-9563.2020v26n1p82-100. Disponível em: pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682020000100006. Acesso em: 10 set. 2025.

ESSENFELDER, R. Inovação narrativa na grande reportagem de internet. *Contemporânea*, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 182–206, 2017. DOI: 10.9771/contemporanea.v15i1.21501. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/21501>. Acesso em: 15 set. 2025.

GERAQUE, Eduardo. Olhar sistêmico na construção de histórias. Em: GIRARDI, Ilza Maria Tourinho et al. *Jornalismo Ambiental: teoria e prática*. Editora Metamorfose, 2018.

GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; LOOSE, Eloisa Beling; STEIGLEDER, Débora Gallas. O esforço de alfabetização ecológica do campo jornalístico in *Trajetórias de pesquisa em comunicação: temas, heurísticas, objetos*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021. 268 pp 151-166, 2021.

GOULD, Luiza (2023). *Ativismo no jornalismo do centro do mundo: Sumaúma e a denúncia do genocídio Yanomami*. Brazilian Journalism Research. v19. n3. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2023.

LIMA, Edvaldo Pereira. *Jornalismo literário para iniciantes*. São Paulo, Clube dos Autores, 2010.

LOOSE, Eloisa Beling; BELMONTE, Roberto Villar. O ativismo no jornalismo ambiental: como quatro momentos-chave ajudaram a configurar uma prática engajada no Brasil. *Brazilian journalism research*, v. 19, n. 3, p. e1594-e1594, 2023.

LOOSE, Eloisa Beling; MORAES, Claudia Herte de. Mudanças do clima (e de pauta!). Em: GIRARDI, Ilza Maria Tourinho et al. *Jornalismo Ambiental: teoria e prática*. Editora Metamorfose, 2018.

MARTINEZ, Monica; HEIDEMANN, Vanessa. *Jornalismo Literário: afeto e vínculo em narrativas*. Lumina, v. 13, n. 1, 2019.

MARTINEZ, Monica. Jornalismo Literário: a realidade de forma autoral e humanizada. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, v. 6, n. 1, p. 71-83, 2009

MARTINEZ, Monica. Jornalismo Literário: revisão conceitual, história e novas perspectivas. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, v. 40, p. 21-36, 2017.

MORAES, Fabiana. Subjetividade: ferramenta para um jornalismo mais íntegro e integral. *Revista Extraprensa*, v. 12, n. 2, p. 204-219, 2019.

MOTTA, Luiz Gonzaga. *Análise Crítica da Narrativa*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Jornalismo e configuração narrativa da história do presente. *E-Compós*. 2004

PENA, Felipe. O jornalismo literário como gênero e conceito. *Revista Contracampo*, n. 17, p. 43-58, 2007

SCHWAAB, Reges. Jornalismo, ambiente e reportagem ampliada in GIRARDI, Ilza Maria Tourinho et al. *Jornalismo Ambiental: teoria e prática*. Editora Metamorfose, 2018.

VIZEU, Alfredo Pereira; SILVA, Laerte José Cerqueira da. 65 anos de televisão: o conhecimento do telejornalismo e a função pedagógica. *Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia*, Porto Alegre, v. 23, n. 3, 2016. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Disponível em: *Redalyc*. Acesso em: 10 set. 2025.

VIZEU, Alfredo Pereira; SILVA, Laerte José Cerqueira da. Jornalismo e Paulo Freire: o conhecimento do desvelamento. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 860-877, 2014. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/17810/12567>. Acesso em: 10 set. 2025.